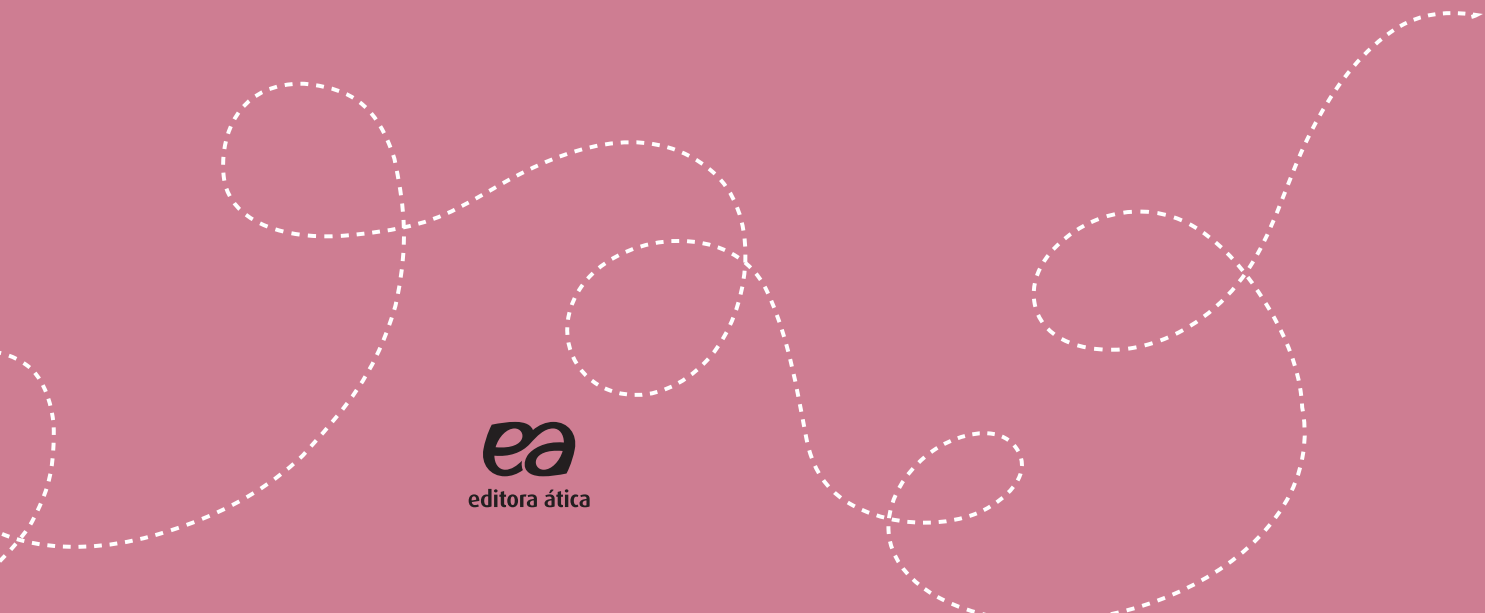


# *Os marcianos*

LUIZ ANTONIO AGUIAR

PROJETO PEDAGÓGICO

**ea**  
editora ática



# IDEIAS PARA SALA DE AULA

Aqui você vai encontrar sugestões de atividades para serem desenvolvidas em sala de aula antes, durante e depois da leitura. Elas propõem reflexões sobre a história, sobre a estrutura narrativa e sobre temas interdisciplinares, para além da ficção.

## 1. EXPLORANDO TÍTULO E CAPA

Antes da leitura do romance, oriente os estudantes em uma aproximação do livro por seus elementos mais imediatos: o título e a capa. Incentive-os a especular sobre a narrativa que vão conhecer. Em seguida, quando todos estiverem com um exemplar em mãos, peça que o folheiem e tentem perceber se suas hipóteses se confirmam, são refutadas ou se não é possível ainda ter respostas nesse primeiro momento.

A conversa é livre, mas algumas perguntas norteadoras podem ajudar essa troca a ser mais efetiva: A partir do título, vocês conseguem imaginar sobre o que será a narrativa? Vocês gostam de histórias que se passam no espaço? Vocês acham que a geração de vocês verá os seres humanos explorarem outros planetas no futuro? Quais os principais obstáculos para a exploração espacial? Vocês teriam coragem de passar meses em uma nave espacial até chegar ao destino?

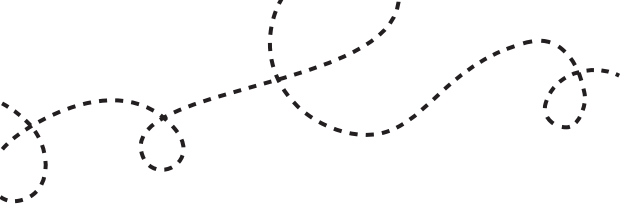
Após essa primeira aproximação, explique que eles lerão um romance de ficção científica e aproveite para descobrir o conhecimento prévio que possuem a respeito do subgênero ficção científica.

## 2. FICÇÃO CIENTÍFICA E EXPLORAÇÃO ESPACIAL

A partir da segunda metade do século XIX, surgiram as primeiras produções culturais dentro do subgênero que décadas mais tarde seria nomeado ficção científica. Por sua própria natureza, a exploração espacial é um dos temas mais recorrentes dentro desse campo. Exemplos podem ser levantados desde os primórdios, como o romance *Da Terra à Lua* (1865), de Júlio Verne, que no começo do século seguinte seria levado à tela grande pela mente do cineasta francês Georges Méliès no filme *A viagem à Lua* (1902).

No audiovisual, a popularidade do tópico só deslanchou cem anos depois de Verne, com títulos como o seriado televisivo *Star Trek*, cujo primeiro episódio foi transmitido em 1966, e a franquia cinematográfica *Planeta dos macacos*, com o primeiro filme lançado em 1968, baseado no romance de Pierre Boulle, publicado em 1963. Sobre a franquia cinematográfica, é preciso fazer um alerta. O romance original e os primeiros filmes tomam como ponto de partida uma nave espacial que se perdeu depois de sair da Terra. Os longas mais recentes, que foram lançados a partir de 2011, e que têm maior chance de serem conhecidos pelos alunos, não tocam nessa temática. Todos os eventos narrados nos novos filmes se passam sem menção a uma missão espacial para fora da Terra.

Como é de se esperar, o fascínio pelo espaço atinge outras mídias, com histórias em quadrinhos (*Flash Gordon*), games (*Star Fox*) e músicas (David Bowie, durante a fase Ziggy Stardust), por exemplo. Com uma presença tão marcante no imaginário coletivo, é bastante provável que os alunos tenham em seu repertório títulos que abordem o cenário espacial. Incentive-os a compartilhar dicas de produções interessantes que tragam esse tema como pano de fundo.



Aproveite o momento para também apresentar à turma os seus interesses e referências em relação ao tema exploração espacial e ao subgênero ficção científica. A melhor maneira de incentivar o estudante à prática da leitura é inspirá-lo por meio de suas vivências como leitor.

### 3. O ESPELHO DA FICÇÃO

A narrativa de *Os marcianos* começa na sala de aula, um ambiente bastante identificável pelos estudantes, que nas primeiras linhas talvez ainda não percebam a grande diferença: essa aula da ficção fica em outro planeta, aliás – Marte. É uma pergunta que remove a aparente naturalidade das primeiras linhas e que também se torna responsável por motivar os acontecimentos da narrativa: “Por que começamos a contar nosso tempo no ano um?”.

A questão, que constringe o professor Marola – e está proibida de ser respondida pelo Manual escrito criado pelo comitê educacional da Colônia – é feita por Zás, o protagonista da trama marciana. A curiosidade do garoto faz com que ele conheça Beca, fortaleça a sua amizade com D.K.O. e encontre a história de seus antepassados, como a da bisavó Tônia. A busca por respostas, propositadamente omitidas, é o fio condutor da aventura adolescente que, em paralelo, abriga a luta dos adultos, como a do avô e da mãe de Zás, para mudar a maneira como a Colônia é governada e para que todos os colonos tenham acesso aos reais acontecimentos que marcaram a sua fundação.

O ambiente inóspito de Marte, a organização da colônia, a memória distante de uma vida no planeta Terra e as tecnologias avançadas criam um universo extremamente distante da realidade presente dos alunos, mas repleto de conflitos e situações com as quais eles irão se identificar. As “mentiras” narradas nessa ficção permitem que muitas verdades sobre a realidade do nosso mundo e identificações da juventude sejam desveladas. Por conta disso, propomos que o seu trabalho com *Os marcianos* seja baseado na dualidade entre ficção e realidade e nas diversas camadas de sentido que ela pode gerar em uma leitura literária.

É importante que, ao final das dinâmicas propostas, os estudantes possam reconhecer que a ficção, muitas vezes, age como espelho da realidade, ainda que pareça distante dela, como afirma o autor peruano Mario Vargas Llosa (2004). Ele afirma que os romances mentem, porém essa é só uma parte da história. Mentindo, expressam uma curiosa verdade, que somente pode se expressar escondida, disfarçada do que não é. No entanto, trata-se de algo muito sensível. Os homens não estão contentes com o seu destino, e quase todos gostariam de ter uma vida diferente da que vivem. Para aplacar esse apetite de algum modo surgiu a ficção.

### 4. VEROSSIMILHANÇA E O PACTO COM O LEITOR

Toda obra de ficção busca contar uma história na qual o leitor acredite. O escritor, portanto, está constantemente à caça da verossimilhança, que é essencial para o envolvimento profundo do leitor com os eventos narrados e os personagens que fazem parte da narrativa. A verossimilhança, como um recurso literário, não busca a realidade ou a verdade, mas sim “aquilo que parece ser verdadeiro”, que seja semelhante à verdade e que seja aceito como uma possibilidade.

No campo de atuação literário, recursos internos e externos à narrativa são responsáveis por fazer com que a verossimilhança seja eficiente. O primeiro recurso, sem o qual nenhuma narrativa ficcional sobrevive, é o pacto silencioso entre o autor e o leitor. Um leitor de fábulas, por exemplo, não vai contestar as personagens animais agindo como seres humanos.

Da mesma forma, um leitor de ficção científica estará disposto a imaginar uma evolução de uma colônia em Marte, mesmo sabendo que essa realidade ainda é impossível. Como explica o escritor e professor Ernani Terra (2021), o conhecimento do gênero faz com que o leitor aceite como verossímeis narrativas que representam fatos, acontecimentos e personagens que não seriam possíveis no mundo real. Aceita-se narrativas em que naves espaciais façam viagens tripuladas a Marte e elas são apreciadas porque sabe-se que, por ser uma obra literária, se está no domínio da ficção e não do real.

Para que esse pacto travado entre leitor e autor, no entanto, perdure até a última linha, é preciso que a narrativa consiga manter-se “provável” tanto externamente quanto internamente. A verossimilhança externa ocorre quando a obra se alinha com a realidade exterior à narrativa, ao livro. Embora a ficção científica pareça contestar essa máxima, ela, na verdade, a respeita, e muito! Uma prova disso são as famosas “previsões” que muitas obras literárias conseguiram fazer de realidades que a tecnologia tornaria possível apenas décadas depois. Johannes Kepler, em seu conto “Sonho”, por exemplo, narrou uma viagem à Lua que só seria possível três séculos mais tarde.

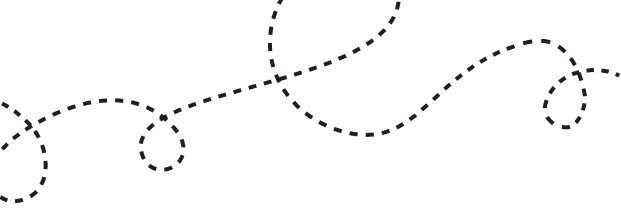
Engana-se, no entanto, quem toma os enredos de ficção científica como meras previsões. Autores desse subgênero, quando não são de fato cientistas – como é o caso de Kepler, um matemático –, são estudiosos e entusiastas de estudos científicos. Luiz Antonio Aguiar, na entrevista ao final do livro, conta sobre seu interesse pela ciência e pelos avanços em relação à viagem à Marte. Aguiar chega a comentar sobre os novos equipamentos que desceram em Marte e as novas pesquisas que estão se iniciando. Os grandes textos de ficção científica dificilmente traem ou desconhecem teorias científicas e estudos consagrados e, por isso, garantem a verossimilhança externa e a criação de uma realidade provável.

Alguns aspectos de *Os marcianos* podem ser apontados para que os estudantes compreendam esse importante mecanismo. O inóspito cenário que rodeia a colônia, por exemplo, confirma todas as imagens que recebemos do planeta vermelho: “Era árido, inóspito e, principalmente, deserto. Quem não soubesse o que se escondia dezenas de metros abaixo da superfície – os lagos subterrâneos – jamais poderia conceber vida se desenvolvendo ali (p. 20)”. Da mesma forma, a realidade virtual utilizada pelos colonos nos carros de transporte para evitar a árdua realidade da nova colônia é um tecnologia que já é presente nos dias de hoje, embora não tão avançada nem amplamente disponível: “Nos carros, cada assento tinha seu capacete para visão virtual e um *menu* de cenários à disposição dos passageiros. Para quem dispensasse os capacetes, existia a alternativa, no anel tubular, de se voltar, para além dos limites da Colônia, para o horizonte aberto que se prolongava até se perder de vista. (p. 20)”.

Ainda que consiga garantir a verossimilhança externa, o pacto com o leitor não estará seguro sem assegurar a verossimilhança interna, ou seja, a articulação de uma narrativa sem contradições internas ou eventos que pareçam inexplicáveis. Os personagens, as tramas e os cenários criados pelo autor precisam ser consistentes e coerentes para não quebrar o encantamento da ficção e a crença do leitor na narrativa que explora.

A construção da personagem Beca é um bom exemplo da verossimilhança interna alcançada pela obra. Incentivada por Zás a enfrentar situações improváveis, a menina não perde a sua essência e, ainda que sofra uma grande evolução na narrativa, continua uma garota muito inteligente, um pouco arrogante e muito mais aventureira do que os colegas de Zás acreditariam. No início da trama, o narrador explica:

Na verdade, como todos os seus colegas, nunca estivera com Beca pessoalmente e nem mesmo havia procurado por ela nas redes. Não fazia a menor ideia do que ia encontrar. Mas não ficou muito surpreso com a estampa exótica da garota. Esperava algo assim. A pele muito clara levou o garoto a perceber que, se ele já tinha a



maior preguiça de frequentar as redomas de lazer, e raramente aparecia numa delas, ali estava alguém que nunca deixava seu habitat único – a tal toca. (p. 61)

Em meio à possibilidade de se aventurar no mundo externo para descobrir as respostas que tanto procura, a personagem não trai a impressão que o leitor constrói dela no início da trama. Inclusive, a sua dificuldade em aventurar no mundo externo é um fator que causa dificuldades para o sucesso da empreitada.

Beca bem que tentou:

— Quem sabe... se esse lugar que o avô do Zás quer mostrar for mesmo a área do mapa, vocês podem reconhecer alguma referência para procurar a entrada...

— Como assim, vocês? – reagiu D.K.O.

— *Zuopt!* Não estão pensando que eu vou também, estão?

E daí começou a discussão.

— Eu não quero ir lá pra fora! – berrava Beca. – Não quero!

Zás ignorou a fúria da garota. Ele e D.K.O. estavam seriamente tentados a enfiar logo Beca no macacão vedado de trabalho externo. (p. 142)

## 5. VEROSSIMILHANÇA E A LINGUAGEM

Vivendo em um país grandioso, que fala uma mesma língua, sabemos do peso que aspectos como distância geográfica e temporal pode ter na variação linguística. A distância entre dois planetas, sem qualquer comunicação há décadas, certamente modificaria os falares dos colonos.

Em *Os marcianos*, uma escolha é responsável por reforçar a verossimilhança da narrativa: o léxico empregado pelos personagens. Algumas das gírias e palavras utilizadas por Zás, Beca, D.K.O., e até mesmo alguns adultos da trama, favorecem a crença do leitor de que se está diante de uma sociedade isolada e pertencente ao futuro, no qual a língua também sofreu uma evolução.

O termo *zuopt*, que inclusive nomeia uma das partes do livro, é um exemplo do esforço do autor em criar um arcabouço lexical próprio à Colônia. Termos como “desorbitado”, “bangado”, “hackeado” e “laserfritar” compõem a lista de neologismos criados para dar ainda mais autenticidade a esse universo ficcional.

No trecho a seguir, essa distância linguística fica clara e é muito bem aproveitada.

Ai, Tônia! Você não aprende! A Terra não é mais *nosso* planeta. Nem sei se vamos chegar a ter de novo um planeta, mas, se tivermos, vai ser esse aí embaixo... Marte!

Que briga comigo mesma, *hein? Ora, dane-se!*”

— O que quer dizer “*O-RAH-DANNI-SI?*”? – estranhou Zás.

— Sei lá, *zuopt!* Virei dicionário de palavras extintas agora? – respondeu Beca, irritada.

— *Irra-treco!* Você não é a *supergeniazinha?*

— Sou, *hackeado!* Se não fosse, você não vinha aqui me pedir ajuda! Agora cala a boca pra gente não perder a *zuopt* da mensagem! (p. 63)

A linguagem empregada em *Os marcianos* permite, portanto, que, além do trabalho com o conceito de verossimilhança, uma reflexão sobre variação linguística, em especial a diacrônica, seja explorada. Aproveite para mostrar aos estudantes como a compreensão da mensagem não se perde com o emprego dessas variedades. O sentido desses termos próprios dos colonos de Marte pode facilmente ser inferido pelo leitor terráqueo com base no contexto da frase ou do texto.

Você pode solicitar aos alunos que façam um fichamento dos trechos do livro nos quais os neologismos empregados pelos colonos estão presentes. Essa é uma maneira de os estudantes compreenderem inclusive a preocupação com a verossimilhança interna da obra, notando como o emprego dessa variedade aparece de maneira consistente em toda obra.

## 6. CENSURA E UMA NOVA HISTÓRIA

Por trazerem à tona aspectos humanos que reconhecemos em nossa própria sociedade, os gêneros fantásticos tornam-se plataformas ricas para discutir questões políticas, sociais e humanas. Após abordar os limites entre realidade e ficção, aprofundando o conceito de verossimilhança, é importante encaminhar as discussões com a turma para as verdades que uma narrativa ficcional como *Os marcianos* pode desvelar. A história de jovens que descobrem a triste verdade de como se deu a migração dos seres humanos para Marte traça paralelos fortes com situações que já testemunhamos no nosso planeta e ainda persistem em alguns países: a censura a informações. O livro demonstra a importância de que um povo conheça de fato sua própria história. É apenas sabendo de onde viemos que poderemos decidir com mais segurança para onde queremos ir.

A experiência de viver uma farsa social não é exclusividade dos personagens de *Os marcianos*. Tal premissa já fez parte de *1984*, romance de George Orwell publicado em 1949. No clássico distópico, o protagonista trabalha para um governo autoritário e controlador. Sua função profissional é reescrever fatos históricos sempre que seu país entra em guerra com outro, para deixar os registros atualizados, com os inimigos difamados e os aliados elogiados. Na literatura infantojuvenil, o romance *O doador* (1993), sucesso de vendas entre o público jovem, também trava diálogos com essa questão. Nesse livro de Lois Lowry, o protagonista é Jonas, um jovem que vive em uma sociedade ao que tudo indica perfeita, mas que não passa de um jogo de aparências. Jonas é selecionado para uma função importante naquela sociedade: ele será o portador de todas as memórias das origens daquele povo e, com elas, precisará lidar com um maremoto de emoções, que são rechaçadas nessa falsa utopia. Em 2014, o livro foi adaptado para o cinema com o título *O doador de memórias*, dirigido por Phillip Noyce.

Infelizmente, esconder fatos históricos não é uma prática recorrente apenas na ficção. Historicamente, muitas sociedades recorreram a esse recurso, em busca de controlar o povo e mantê-lo na ignorância. Aqui no Brasil, acontecimentos tristes e violentos ocorridos durante a Ditadura Militar (1964-1985) só vieram à luz décadas depois, com a instalação da Comissão da Verdade (2011-2014).

Para aprofundar-se nesse aspecto do livro *Os marcianos*, é aconselhável trabalhar em conjunto com o professor de História. Peça que os alunos pesquisem sobre situações reais em que a verdade foi suprimida da população e os impactos dessa atitude. Solicite ao professor que selecione quais contextos serão apresentados aos alunos para que possam desempenhar suas pesquisas. Finalize a atividade com uma roda de conversa para estabelecer semelhanças e diferenças entre os casos pesquisados.

Essa dinâmica de pesquisa será uma boa introdução para a atividade especial, proposta a seguir.



## ATIVIDADE ESPECIAL

Nesta atividade, os alunos serão divididos em grupos com a missão de apresentar para o restante da sala um caso de *fake news*. A proposta é que eles atuem como detetives em busca da verdade, assim como fizeram os personagens do livro *Os marcianos*. Ao final, os casos de *fake news* serão compilados em um livro da turma, uma espécie de coletânea de notícias falsas que foram desmentidas.

**PRIMEIRO PASSO** Comece a atividade com o relato sobre a chamada “primeira *fake news*”, quando os ouvintes de uma rádio foram levados a acreditar que uma encenação era parte de um noticiário alarmante. Tudo aconteceu na véspera do Dia das Bruxas em 1938, quando uma transmissão de rádio nos Estados Unidos trouxe pânico para cidades da Costa Leste do país. Tratava-se da adaptação do romance de ficção científica *A guerra dos mundos*, escrito pelo autor inglês H. G. Wells em 1901. A transformação do livro em radionovela foi encabeçada pelo então desconhecido ator e diretor Orson Welles, que mais tarde ganharia notoriedade por sua carreira cinematográfica. Ele transportou a história criada por Wells de Londres para Nova Jersey, que era de onde transmitia a rádio CBS. Para completar, Orson deu a sua apresentação uma roupagem que a aproximava de um programa jornalístico, como uma reportagem sobre a chegada de marcianos ao nosso planeta. Com isso, parte dos seis milhões de ouvintes não foram capazes de diferenciar a ficção da realidade, especialmente quem sintonizou na estação depois que o programa já tinha começado. O resultado foi espantoso: as pessoas tomaram as ruas e formaram grandes congestionamento, desesperadas para fugir da fictícia invasão alienígena.

Explique aos alunos que essa *fake news* acidental partiu de uma manifestação artística, não foi concebida com má-fé para manipular as crenças dos ouvintes. Atualmente, a maior parte das *fake news* têm objetivos escusos, seja para difamar uma figura pública ou para influenciar com mentiras na formação de opinião da população.

**SEGUNDO PASSO** Em trios, como os personagens de *Os marcianos*, os alunos deverão investigar *fake news* famosas. A definição de quais eventos serão pesquisados pode seguir duas possibilidades. Uma opção é que você os selecione para a turma. Uma rápida pesquisa na internet é suficiente para o levantamento de vários exemplos que podem ser explorados em sala de aula. Outra possibilidade é solicitar que os próprios alunos procurem por uma *fake news* para adotar como tema. Nesse caso, é preciso haver o cuidado para não pesquisem o mesmo acontecimento, o que causaria problemas na conclusão da atividade.

**TERCEIRO PASSO** Com os temas de pesquisa definidos, os estudantes partem para a composição de suas apresentações. Oriente-os em todo o percurso para garantir que não incorram em erros conceituais e que tenham como norte a divulgação de fatos. O compartilhamento com os colegas de classe será feito de forma oral, com o suporte de apresentação de slides, cartazes ou outras formas que sejam compatíveis com a estrutura da escola e o perfil da turma. Dependendo das condições, os alunos podem fazer um breve documentário ou um *podcast* com o resultado de suas pesquisas. De qualquer maneira, abra espaço após a apresentação de cada trio para uma breve conversa. O objetivo é tirar potenciais dúvidas e dar subsídios aos pesquisadores para que possam produzir um texto mais completo para o próximo passo.

**QUARTO PASSO** Para a produção do *Livro das mentiras*, cada grupo deverá transformar sua pesquisa em um texto, levando em conta a conversa após a apresentação. O retorno dos colegas pode indicar problemas na pesquisa, que devem ser contornados nessa etapa. Você pode estipular uma estrutura em comum para a produção textual, ou permitir que cada trio adote

o próprio formato. Antes de entrar para o livro, os textos precisam passar por um processo de revisão em duas fases. Primeiramente, faça com que trios troquem os textos entre si para uma revisão inicial. Em seguida, leia os textos que passaram por essa primeira troca para garantir que não haja erros gramaticais e ortográficos. Após os ajustes e correções, os textos serão unidos em um arquivo digital único. Cada aluno deverá receber uma cópia do arquivo para que possa compartilhar com seus familiares. Outra opção é a entrega de uma cópia física (impresa ou fotocopiada) para cada autor.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 abr. 2021.

LLOSA, Mario Vargas. *A verdade das mentiras*. Trad.: Cordelia Magalhães. São Paulo: Arx, 2004.

TERRA, Ernani. Verossimilhança. *Ernani Terra*, 2019. Disponível em: <https://www.ernaniterracom.br/verossimilhanca/>. Acesso em: 21 mar. 2021.